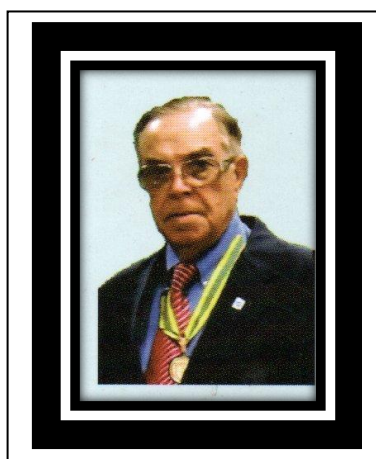




O PIONEIRO E MÁRTIR DO BRASIL NO EMPREGO DE FOGUETES MILITARES



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Um feito memorável

Ao anoitecer do calorento 7 de fevereiro de 1827, no acampamento do Exército do Sul, junto ao arroio Lexiguana, atualmente Bagé, ao comando do mineiro de Mariana, Marquês de Barbacena, teve lugar a primeira demonstração no Brasil do uso de foguetes como arma de guerra. Dois dias antes, naquele local, Barbacena em operações defensivas contra orientais e argentinos, no contexto da Guerra Cisplatina (1825-28), concretizara um dos mais memoráveis feitos do Exército Brasileiro: operar junção. depois de 23 dias de marchas forçadas e a despeito de chuvas e enchentes, de dois grupamentos de suas forças, separados por 300 km. Do grupamento ao seu comando, situado em Santana do Livramento, sob a cobertura de flanco do Marechal Barreto e do grupamento ao comando do General Henrique Braun, situado em Pelotas, depois de trazido ao Rio Grande pelo próprio Imperador D. Pedro I e sob a cobertura de Bento Gonçalves, desde Jaguarão. Barbacena conseguiu transpor suas forças da bacia do Uruguai para a da Lagoa dos Patos, quando tropas de Alvear, fortes em Cavalaria, encontravam-se detidas em Bagé por enchentes lá ocorridas, fato abordado por Tarcísio Taborda em **Invasão Argentina de 1927**, Fumba, 1972. Depois de memorável e modelar transposição do rio Camaquã- Chico em cheia, para sua margem direita, Barbacena reuniu todo o seu Exército em Lexiguana, em região montanhosa da Serra dos Tapes, extremamente favorável à sua força baseada na predominância de Infantaria e interposta entre Alvear e os três mais

importantes centros do poder gaúcho—Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Participou do grupamento de Barbacena o, então, alferes Manoel Luiz , atual Patrono da Cavalaria.

Consequência de Barbacena

Não tivesse Barbacena conseguido este grande feito, sua tropa seria batida por partes e Alvear teria ocupado, facilmente, e sem resistência, todo o Rio Grande do Sul. Depois da junção no dia 5, o ambiente foi de euforia. Os dias 6, 7, 8 e 9 foram aproveitados pelo recém-chegado da Europa, Chefe do Estado-Maior do Exército do Sul, Marechal Braun, renomado tático de Infantaria, para exercitar em conjunto todo o Exército e nele integrar tropas alemãs de Infantaria e Cavalaria que trouxe do Rio, além de mostrar novidades em ciência de guerra trazidas da Europa. Dentro deste último contexto acreditamos tenha trazido com sua tropa alguns exemplares de foguetes à Congreve, criação do engenheiro e artilheiro inglês Willian Congreve (1772 -1828), que tiveram largo uso contra Napoleão. Eram usados taticamente, sem precisão, na direção de formações de Cavalaria, em carga, visando dispersá-los por assustar os cavalos. Presumimos que Braun, que fora Coronel do Hannover, tenha encarregado um filho daquela terra, o tenente Siegenger, veterano de Waterloo, para realizar uma experiência com a nova arma para o Exército do Sul. Segundo se conclui do Capitão Seweloh, testemunha ocular , o Tenente Siegenger **"não tomou as precauções devidas. Abusou da escorva e os três foguetes estouraram próximo dele sendo que o último a seus pés"**. Recebeu ferimentos generalizados sendo seis de natureza grave. Foi colocado numa carreta e levado para a localidade mais próxima — a atual cidade de Caçapava do Sul, tendo morrido no caminho, sendo sepultado no dia 9, nessa localidade. Com esta trágica e frustrada experiência, Siegenger tornou-se o pioneiro e primeiro mártir, no Brasil, do uso de foguetes militares.

Importância de Siegenger

Com a introdução dos foguetes no Exército do Brasil, e as perspectivas futuras promissoras de seu emprego generalizado, Siegenger ganhou importância. Em 1978, o Estado-Maior do Exército desejou conhecer mais sobre a vida e obra daquele pioneiro e mártir.

Encaminhou solicitação ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil que, através de seu Presidente, Gen Jonas Correia, encarregou o Ten Cel Henrique O. Wiedersphan de realizar a pesquisa, com uma das maiores autoridades brasileiras em assuntos militares relacionados com a Guerra Cisplatina 1825-28. Este, por sua vez, recorreu aos préstimos do historiador Dr Carlos H. Hunsche, nosso confrade no Instituto Histórico de São Leopoldo e autoridade em assuntos relacionados com a colonização alemã do Rio Grande do Sul .Depois de ingentes esforços de pesquisas no Brasil e na Alemanha, esses dois confrades produziram o seguinte resumo biográfico do pioneiro e mártir Siegenger, em atendimento ao Estado-Maior do Exército.

Pioneiro e mártir

Carl Ludwig August Siegener, filho de Johan Georg F. W. Siegener (mestre-de-obras distrital) e Johanna Dorothea Carolina Behrens, nasceu em Celie, no reino de Hannover, em 4 de setembro de 1798, sendo batizado na igreja evangélica-luterana de Blumläger. Com 15 anos ingressou e jurou bandeira no Corpo Hannoverano de Caçadores de Campanha de Kielmansegge, com sede em Neuhaus, Kreis Celie. Em 21 de abril de 1814, foi transferido, no posto de alferes, para o Batalhão de Campanha de Infantaria de Bremen. Em 6 de maio de

1814, foi incluído no Batalhão de Lunenberg (2ª linha). Nesta unidade, como alferes, e integrando contingente da Legião Anglo Alemã '(hannoveranos, hanseáticos e ex-combatentes contra Napoleão em Portugal e Espanha), tomou parte na decisiva batalha de Waterloo, epílogo da brilhante carreira de Napoleão. Depois, recebeu medalha comemorativa desse histórico evento. Foi desmobilizado e dispensado em 1º de maio de 1817, ficando, no entanto, relacionado como alferes, de 1818 a 1820, no Batalhão de Gifhorn.

Vinda de Siegener

Siegener reapareceu cinco anos depois, ainda como alferes, desembarcando de bordo do veleiro hamburguês **Anna Louise**, em 26 de fevereiro de 1826, no porto do Rio. Fora contratado para prestar serviço militar ao Brasil, numa das quatro unidades de estrangeiros organizadas por D. Pedro I. Coube-lhe servir no 3º Regimento de Granadeiros. Veio no último embarque contratado em 1825, pelo Major Anton Georg von Shaeffer, encarregado pelo Brasil de contratar, particularmente na Alemanha, imigrantes civis e militares. Sobre este embarque de cerca de 400 pessoas, na maioria militares, o citado Major Shaeffer disse tratar-se de **"oficiais de nobres nascimentos e com recomendações dos seus antigos chefes"**. Em 24 de novembro de 1826, Siegener embarcou para o Rio Grande do Sul no comboio marítimo no qual o Imperador D. Pedro I, pessoalmente, levava reforços para o Marquês de Barbacena, comandante do Exército do Sul, encarregado de fazer a guerra aos orientais e argentinos. Siegener acompanhou a comitiva de D. Pedro I, até este ser obrigado a retornar ao Rio, informado do falecimento de sua esposa — a Imperatriz D. Leopoldina Siegener. viajou do Rio a Santa Catarina, por mar, e daí até Pelotas, por terra. Deixou esta última cidade em 13 de janeiro de 1827, por água, via canal de São Gonçalo, Lagoa Mirim, rio Jaguarão, para seu encontro com a História Militar do Brasil no arroio Lexiguana, em Bagé, como o seu pioneiro e mártir no emprego de foguetes militares.

Marechal Braun

O Marechal Braun, que acreditamos tenha patrocinado a experiência com foguetes levada a efeito por Siegener, é parente daquele que cerca de um século depois seria o criador das bombas voadoras V-1 e V-2 e que ligou-se, intimamente, ao envio do homem ao espaço e à lua como subdiretor da NASA — o cientista Eric von Braun. Maiores detalhes sobre o contexto da morfe de Siegener poderão ser buscados em nossos trabalhos **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS**, Porto Alegre, IEL, 1975(1) a "Batalha do Passo do Rosário Marchas Estratégicas para a Batalha do Passo do Rosário"publica-dos na **Revista Defesa Nacional** nº 672 e 680, coordenadas pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Os foguetes à Congreve foram usados pela Artilharia Brasileira nas guerras contra Oribe e Rosas 1851-1852 e Guerra do Paraguai 1865-1870. Sobre a natureza dos resultados obtidos com seu uso, os relatos disponíveis nada mencionam. Têm sido procurados com ansiedade por estudiosos brasileiros, sem êxito, exemplares de rampas (estativas) de lançamento dos referidos engenhos. Estudiosos norte-americanos têm solicitado ao Brasil, sem sucesso, informações a respeito. Seria interessante descobrir-se estes elementos, desafio que lançamos agora. Na guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, dela participou o "brummer" Capitão Eduardo Siber, integrando o Regimento de Infantaria Prussiano contratado pelo Brasil. Ao retornar à Alemanha produziu trabalho que reflete uma série de mágoas contra o Brasil. Em certa altura escreveu (2): "**O Sr Wenelt da Silésia vendeu ao governo brasileiro, por um dinheiro enorme, o segredo dos péssimos foguetes à Congreve**".

FOGUETE CONGREVE História

EM 1780, OS BRITÂNICOS sofreram uma derrota humilhante para uma arma que não conheciam os: foguetes. Lançados pelo Sultão de Mysore, na Índia, incendiaram seu paiol de munições e os fizeram se dispersar em desespero. De volta para casa, a arma foi copiada pelo engenheiro William Congreve, que criou foguetes de formato cônico, com ogivas de efeitos variados, como incendiárias, explosivas ou de fragmentação. Durante as Guerras Napoleônicas, 1807, os ingleses incendiaram Copenhague com foguetes disparados de seus navios. Em Leipzig, Saxônica, em 1813, um ataque com foguetes realizado por um esquadrão de artilharia montada inglesa fez cerca de 2.500 soldados franceses içarem bandeira branca.

1— Do autor, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, IEL, 1975.

2- SIBER, Retrospecto da Guerra contra Rosas. RIHGB, T78, parte 1ª, 1915, p. 394, trad. Alfredo de Carvalho.



Modelo de estativa de foguetes a Congreve. Na AMAN defronte o Parque de Material Bélico